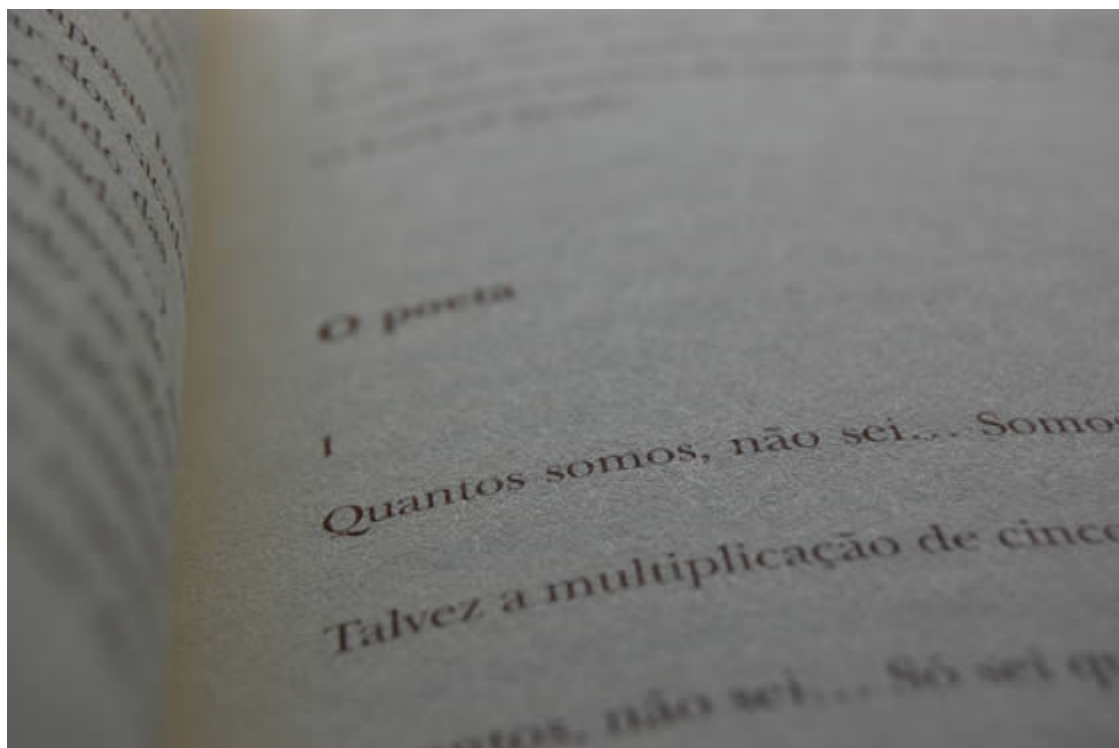


[a poesia dos dias - poemário bmc](#)

- [Início](#)
- [Poemas](#)
- [Sobre Daniel Faria](#)
- [Sobre Poesia](#)
- [Hiperligações](#)

Sobre Poesia



História maravilhosa do Faraó Miquerinos, condenado pelos deuses a morrer jovem. Aos olhos deles não apresenta qualquer graça a sua doce clemência, que traiu o destino trágico do Egipto após as tiranias de Quéops e de Quéfrem.

E ele manda iluminar os seus palácios e os seus parques com milhares de lanternas. Das noites fará outros tantos dias e assim viverá doze anos em vez dos seis que lhe restam. É certamente uma parábola do poeta, desse inimigo involuntário da lei da necessidade. O que pode fazer o poeta injustamente punido senão transformar as noites em dias, as trevas em luz? Manter em vida o que a vida nos prometeu em vão, como diria Hofmannsthal.

Cristina Campo, ***Os Imperdoáveis***

Dantes o poeta existia para nomear as coisas: como se fosse a primeira vez, diziam-nos as crianças, como se fosse o dia da Criação. Hoje em dia ele parece existir para se despedir delas, para as recordar aos homens, terna e dolorosamente, antes que sejam extintas.

Para escrever os seus nomes na água: talvez nessa mesma vaga que daí a pouco os arrastará consigo. Um parque sombroso, o verde espelho de um lago atravessado por belos gerânios dourados, no coração da cidade, da tormenta de cimento armado. Como não pensar ao olhá-lo: o último lago, o último parque sombroso? Quem hoje não tiver consciência disto, não é poeta de hoje.

Cristina Campo, *ibidem*

A perfeita poesia capta por vezes este momento da balança suspensa, do fio da espada, da ponta de remo em que se conciliam as antíteses.

Reprodu-lo com o seu tom inconfundível de sapiência antiquíssima dentro da qual escorre e prorrompe a exultação infantil.

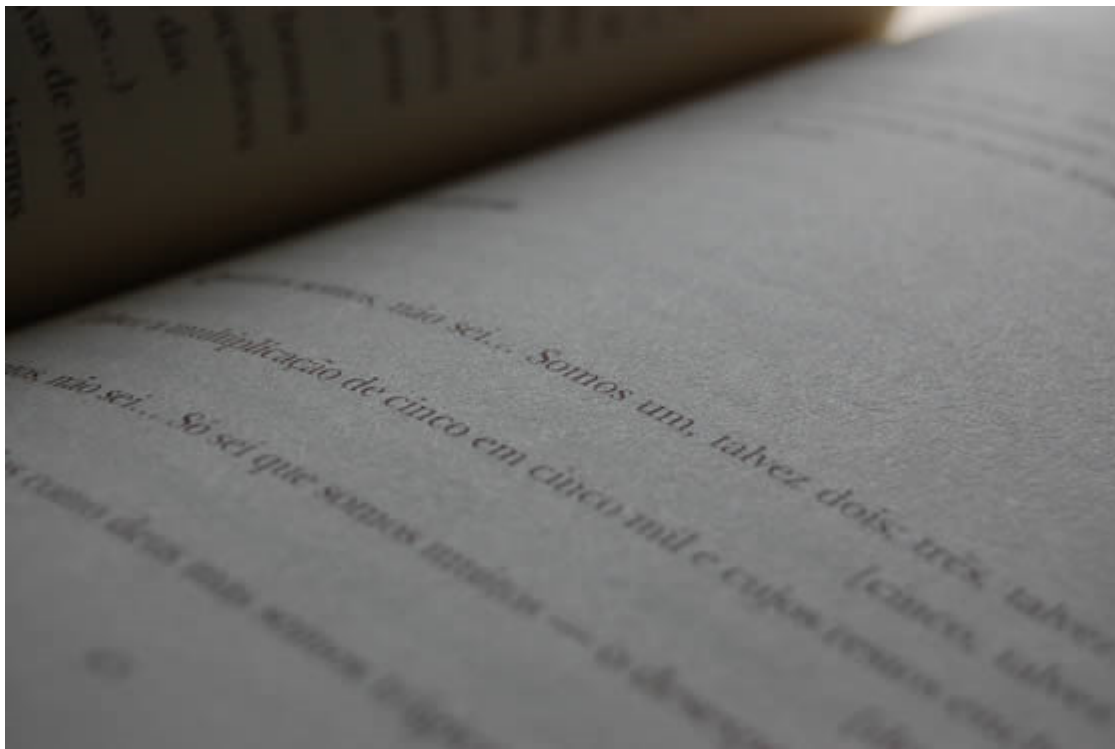
Ai está presente tanto o sentimento do medo como o da certeza; a interrogação e a memória dialogam juntas e o vivo, no centro das suas três idades, pode discorrer em paz com os mortos. [...]

Foram sempre poucas as obras de poesia tão alongadas por cima do tempo humano e pouquíssimas têm data recente.

Cristina Campo, *ibidem*

A pura poesia é hieroglífica: só decifrável em termos de destino

Cristina Campo, *ibidem*



A liturgia – como a poesia – é esplendor gratuito, delicado desperdício, mais necessário do que útil.

Cristina Campo, *Sob um falso nome*

O poema é um exercício de dissidência, uma profissão de incredulidade na onipotência do visível, do estável, do apreendido. O poema é uma forma de apostasia. Não há verdadeiro poema que não torne o sujeito um foragido. O poema obriga a pernoitar na solidão dos bosques, em campos nevados, por orlas intactas. Que outra verdade existe no mundo para além daquela que não pertence a este mundo? O poema não busca o inexprimível: não há piedoso que, na agitação da sua piedade, não o procure. O poema devolve o inexprimível. O poema não alcança aquela pureza que fascina o mundo. O poema abraça precisamente aquela impureza que o mundo repudia.

José Tolentino Mendonça, *A noite abre meus olhos*

Os críticos podem dizer que determinado poema, longamente ritmado, não quer, afinal, dizer senão que o dia está bom. Mas dizer que o dia está bom é difícil, e o dia bom, ele mesmo, passa. Temos pois que conservar o dia bom em memória florida e prolixa, e assim constelar de novas flores ou de novos astros os campos ou os céus da exterioridade vazia e passageira

Fernando Pessoa (Bernardo Soares), *Livro do Desassossego*

Um dos méritos da poesia, que muita gente não percebe, é que ela diz mais que a prosa e em menos palavras que a prosa

Voltaire , *Miscelânea de Filosofia*

Todas as coisas têm o seu mistério, e a poesia é o mistério de todas as coisas

Federico Garcia Lorca, *Conversa Sobre o Teatro*

Nunca ninguém foi um grande poeta sem ter sido ao mesmo tempo um grande filósofo

Samuel Coleridge, *Biographia Literária*

A poesia não me pede propriamente uma especialização pois a sua arte é uma arte do ser. Também não é tempo ou trabalho o que a poesia me pede. Nem me pede uma ciência nem uma estética nem uma teoria.

Pede-me antes a inteireza do meu ser, uma consciência mais funda do que a minha inteligência, uma fidelidade mais pura do que aquela que eu posso controlar. Pede-me uma intransigência sem lacuna.

Pede-me que arranque da minha vida que se quebra, gasta, corrompe e dilui uma túnica sem costura.

Pede-me que viva atenta como uma antena, pede-me que viva sempre, que nunca me esqueça.

Pede-me uma obstinação sem tréguas, densa e compacta.

Pois a poesia é a minha explicação com o universo, a minha convivência com as coisas, a minha participação no real, o meu encontro com as vozes e as imagens. Por isso o poema fala não de uma vida ideal mas sim de uma vida concreta: ângulos da janela, ressonâncias das ruas, das cidades e dos quartos, sombra dos muros, aparição dos rostos, silêncio, distância e brilho das estrelas, respiração da noite, perfume da tília e do orégão.

É esta relação com o universo que define o poema como poema, como obra de criação poética. [...]

Se um poeta diz “obscuro”, “amplo”, “barco”, “pedra” é porque estas palavras nomeiam a sua visão do mundo, a sua ligação com as coisas. Não foram palavras escolhidas esteticamente pela sua beleza, foram escolhidas pela sua realidade, pela sua necessidade, pelo seu poder poético de estabelecer uma aliança. E é da obstinação sem tréguas que a poesia exige que nasce o “obstinado rigor” do poema. O verso é denso, tenso como um arco, exactamente dito, porque os dias foram densos, tensos como arcos, exactamente vividos. O equilíbrio das palavras entre si é o equilíbrio dos momentos entre si.

E no quadro sensível do poema vejo para onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino, a minha vida.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Arte Poética*, In *Geografia*

Interrogamo-nos acerca da poesia? Desejaríamos saber o que pretende ela, aquilo que pretende de nós. É que muitas vezes não nos diz nada. Palavras, fragmentos de frases, balanceadas, hesitantes, versáteis, palavras que não conseguimos reter.

Refrões de canções, talvez? Mas então onde está a música?

Talvez músicas silenciosas, tocadas no fundo da água, a cem braças de profundidade.

Os outros poemas, todos os poemas célebres, organizados, compostos, exércitos em armas que marcham a passo certo. Não estamos lá quando passam. Viramos a cara, vamos procurar noutro lado [...]

Agora, depois de Iniji, já não interrogamos. Há uma certeza. Viu-se qualquer coisa, seguiu-se essa coisa, como se a gente estivesse a fazê-la, como se tivesse encontrado ouvidos para escutar a música do fundo da água.

Não é como os outros, este poema, não distrai, não se esquiva. Na verdade não está escrito, encontra-se ali na página por *acidente*, e deve estar também algures, gravado numa árvore, por exemplo, ou inscrito na terra seca, ou tatuado então na pele humana. Claro que não está apenas escrito. Passou pelo tremor da escrita, foi assim que apareceu primeiro. Mas não existe somente nesse tremor, não existe somente para os olhos. Existe algures, em volta, no ar, nas nuvens, na folhagem das árvores vistas à distância, no mar, na erva calcada de uma pista. E nas ruas de uma grande cidade, entre as paredes dos prédios acompanhando o movimento dos automóveis, os cláxons, as luzes, a multidão.

Deve estar lá há muito tempo pois, quando o lemos, reconhecemo-lo imediatamente. Não o procurávamos, nem procurávamos sequer o nome de um autor. Íamos ao seu encontro sem saber, e ele vinha ao nosso encontro seguindo o seu curso de cometa que se aproxima, roça e desaparece. [...]

O poema veio de longe, assim, tranquilo, com os seus gestos, a sua vida, para nos reencontrar. Insensato, móvel, penetra em nós e escuta-nos. Ou éramos nós que não tínhamos corpo, e temos agora o corpo e Iniji. Não sabíamos falar. [...] Longe deste poema, a vida era surda, sussurrada, pois todas as palavras da linguagem normativa (a linguagem das teses e das antíteses, a linguagem das análises, dos juízos e proclamações solenes) eram unicamente um lento nevoeiro roçando a face da matéria. Era possível que nos confundissem com os torrões e calhaus.

[...] Como é possível? Onde nos encontrávamos então, antes, antes de Iniji? [...] Iniji não existe. Cada vez que dela nos apercebemos, a língua estala e a palavra morre. Interrompida antes de entrar no mundo. Reflexos, talvez, porquanto as suas palavras não são palavras. Se retemos um nome, felizes por saber aquilo que surgirá, ele rebenta. Não há nomes, só bolhas. Balbuceios de bebé, Iniji, Ananiá, Inji, Djã dã dã, Irritilili. [...]

J.M.G. Le Clézio, De *Um poema (Iniji) que não é como os outros*
In *As magias : poemas mudados para português* [por Herberto Helder]. In *Poesia toda*

Há no mundo uma conjura geral e permanente contra duas coisas, a poesia e a liberdade;
as pessoas de gosto encarregam-se de exterminar uma,
tal como os agentes da ordem de perseguir a outra

Gustave Flaubert , *Correspondência*

A verdadeira poesia mantém a mesma distância da insensibilidade e do sentimentalismo

Hugo Von Hofmannsthal , *O Livro dos Amigos*

A poesia é como a pintura

Horácio, *A Arte Poética*

• Calendário poético

<< Junho 2011 >>

D S T Q Q S S

[1](#) [2](#) [3](#) [4](#)

[5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#)

[12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#)

[19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) [24](#) [25](#)

[26](#) [27](#) [28](#) [29](#) [30](#)